

INFORMANDO

Por Lucas Rocha

Somos quase os mesmos e vivemos como os ancestrais (MALU FONTES)

AS NOTÍCIAS que chegam diariamente via televisão, jornais e internet sobre o admirável mundo novo da ciência e da tecnologia embalam o sonho de que a civilização, sobretudo a que habita os países mais ricos do mundo, estão prestes a habitar uma civilização que controlará a natureza graças aos mecanismos sofisticados de uma revolução científica sem precedentes que são anunciados todos os dias. No entanto, o poder da ciência é tão real quanto mítico e basta um dar de ombros da natureza, através de uma placa tectônica que sustenta uma das nações mais ricas e tecnológicas do mundo, o Japão, para ver o mundo civilizado comportando-se com o mesmo terror que deve ter sido experimentado pelos ancestrais diante dos dilúvios bíblicos creditados à ira divina.

O Japão, a nação que até um par de dias atrás era a segunda mais rica do mundo e acabou de descer um degrau, empurrada pela China, assombra o mundo há uma semana com uma catástrofe de consequências jamais vistas e cuja fórmula tem como ingredientes básicos os quatro elementos essenciais da natureza: água, terra, fogo e ar. O país amanheceu rico, orgulhoso de ser não apenas a terceira economia do mundo, mas o de ser o grande exportador de tecnologia de ponta, super bem sucedido no uso da energia nuclear, com quase 60 usinas nucleares em funcionamento, além de ser o mais bem preparado do mundo para lidar com terremotos. O Japão que anoiteceu foi um outro país, com parte de seu território destruído, com vastas regiões devastadas, cidades transformadas em ondas gigantescas de lama e entulho formadas por casas destruídas flutuantes, carros, barcos, pontes, árvores.

PASTORES - As dimensões e as consequências do terremoto-maremoto-tsunami no Japão, seguidos de grandes incêndios, vazamento de radiação, desabastecimento, fome, neve, regiões isoladas fizeram com que, pela primeira vez, a palavra apocalipse fosse pronunciada e reproduzida na televisão por grandes líderes da economia européia e não por pastores desses que vendem um lote no céu aos desesperados que buscam na fé os últimos estertores para continuarem vivendo. Tóquio, que no instante seguinte à tragédia apenas assistia a tudo chocada, por estar a cerca de 300 quilômetros dos pontos mais atingidos, ao quarto dia parecia uma cidade fantasma que em pouco ou nada lembrava a agitação humana permeada por incessantes neons dos anúncios luminosos.

Na cobertura feita pela imprensa brasileira, o aspecto que mais chamava a atenção dos jornalistas, o nível de calma e tranquilidade do povo japonês diante da calamidade, foi, ao longo da semana, se transformando em assombro, tamanha era a calma, descrita por diferentes jornalistas, do povo perante a lentidão do governo em adotar providências mais imediatas quanto a abastecimento de comida e evacuação. Enquanto os japoneses se calavam, o mundo gritava que a situação era grave e assustadora pelos riscos de contaminação nuclear. Os estrangeiros fugiam para os aeroportos mais próximos, onde aviões dos países ricos esperavam seus cidadãos para resgatá-los de riscos. Jatos que voavam de Londres para Tóquio com 300 passageiros, passaram a semana voando com menos de 20 pessoas e retornando lotados de gente que se cria embarcando numa arca de Noé contemporânea. O governo japonês pedindo a todos que ficassem calmos, que não havia motivos para alarme, responsabilizando os estrangeiros por espalhar sentimento de pânico. Os japoneses quietos, com fome, frio, sem luz, imobilizados, esperando as próximas orientações, literalmente, do imperador. Parte da imprensa ocidental atribui esse comportamento da população ao controle e à sonegação das informações reais da gravidade dos riscos por parte do governo japonês. Há quem diga, no entanto, que o auto-controle japonês é exatamente o traço que lhe permitiu historicamente reagir tão bem às tragédias das quais já foi vítima.

LOBÃO - Como, para o jornalismo, a tragédia em si, onde quer que ela aconteça, não é mais importante do que suas consequências para o país dos veículos que escrevem sobre ela, no Brasil as duas notas dissonantes da comoção causada pela tragédia japonesa vieram pela boca de dois ministros de Estado. O primeiro foi o do Trabalho, Carlos Lupi, que, quando questionado sobre o impacto da catástrofe japonesa na economia brasileira não titubeou: a médio prazo o Brasil sai ganhando, pois o Japão vai precisar ser reconstruído e temos muito a exportar para os japoneses. O segundo foi Edison Lobão, o ministro das Minas e Energias, questionado sobre os riscos da ainda incipiente produção de energia nuclear no Brasil, garantiu que aqui jamais aconteceria um risco de radiação semelhante ao que assusta o Japão. Não, Lobão não usou como argumento de sua tese o fato de o Brasil ser um país sem risco de abalos sísmicos. Foi claro e contundente: as usinas nucleares brasileiras são muito mais seguras do que as do Japão. E quem há de negar?

MALU FONTES é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado originalmente em 20 de março de 2011, no jornal A Tarde, Salvador/BA. maluzes@gmail.com

MARCELO NASCIMENTO

Entramos na cadeia e conversamos com o 171 que virou filme com Wagner Moura

10.03.2011 | Texto por Ricardo Calil, de Cuiabá Fotos Gabriel Rinaldi,

Marcelo Nascimento da Rocha já foi filho do dono da Gol, guitarrista do Engenheiros do Hawaii, líder do PCC, entre outras dezenas de identidades falsas. No mês em que sua história chega ao cinema com Wagner Moura no seu papel, o mais famoso estelionatário do Brasil anuncia que vai começar a usar seu dom de persuasão para o bem. Mas quem é o verdadeiro Marcelo: O golpista arrependido, o mentiroso compulsivo ou o 171 do glamour?



Marcelo Nascimento hoje na cadeia

Um golpista talentoso. Um psicopata. Um gênio do crime. Um mentiroso compulsivo. Um exibicionista em busca de fama rápida. O 171 do glamour. O maior picareta do Brasil. As inúmeras opiniões sobre **Marcelo Nascimento da Rocha** são quase tão numerosas quanto as 16 identidades falsas que ele assumiu ao longo de sua carreira no crime. Marcelo já foi policial de grupo de elite, guitarrista dos Engenheiros do Hawaii, olheiro da seleção, campeão de jiu-jítsu, repórter da MTV, produtor do Domingão do Faustão, líder do PCC etc.

De real em seu currículo, constam um lucrativo e arriscado emprego como piloto do narcotráfico, uma série de roubos de avião e uma

longa ficha de golpes como estelionatário, como vender motos do exército, vagas em uma faculdade de direito e impressoras apreendidas pela Receita Federal que nunca seriam entregues.

Mas a mentira mais cinematográfica de Marcelo foi se passar por Henrique Constantino, filho do dono da Gol Linhas Aéreas, no Recifolia, o Carnaval fora de época da capital pernambucana, em 2001. Durante quatro dias, Marcelo foi paparicado por ricos e famosos (ele garante ter transado com duas celebridades), entrevistado por Amaury Jr., fotografado para colunas sociais. De quebra, pilotou um helicóptero e um jato particular cedidos por empresários que se tornaram íntimos do executivo da Gol em questão de minutos. Foi preso no Rio de Janeiro pela polícia federal, depois de transportar no tal jatinho os globais Marcos Frota, Carolina Dieckmann e Ricardo Macchi.

Foi a farsa da Gol que deu fama a Marcelo. Ele virou vilão em matérias da imprensa e herói em diversas comunidades da internet. E sua história foi contada no livro *VIPs – Histórias reais de um mentiroso*, de Mariana Caltabiano, grande sucesso editorial, com mais de 50 mil exemplares vendidos.

Agora, dez anos depois do mítico Recifolia, os golpes de Marcelo vão ganhar revival em grande estilo, envoltos em nomes de grife. No dia 25 de março, chega aos cinemas *VIPs*, ficção livremente inspirada na história de Marcelo, com produção da O2, de Fernando Meirelles, direção de Toniko Melo, roteiro de Braulio Mantovani e Wagner Moura no papel principal. Em abril, será a vez de *VIPs – Histórias reais de um mentiroso*, documentário assinado, como o livro, por Mariana Caltabiano. Nesse meio-tempo, será lançado também *Fábrica de monstros*, romance que marca a estreia de Marcelo como escritor – uma das atividades que ele pretende adotar, desta vez sem farsa, quando sair da prisão.

É A VOVOZINHA

Marcelo recebe a reportagem da Trip em uma sala da administração da penitenciária central de Cuiabá (MT), onde está encarcerado desde 2009. Ao vivo, ele parece antes um afável gerente de banco do que um temível bandido. Esperto, articulado e bonachão (e, após dois sedentários anos, um tanto obeso), ele não se esquivava de nenhuma pergunta e se deixa fotografar com um bolo enfeitado com três velinhas

marcando "171" (que passou pela segurança depois de ser devidamente esfaqueado, para não esconder uma lima, uma faca ou um celular).



Amaury Jr. entrevista o falso filho do dono da Gol no Recife

O único momento em que ele sai do sério é para falar de Wagner Moura, que declarou que preferia não conhecê-lo porque Marcelo roubava dinheiro de velhinha. "Só se for da vó dele. Nunca tirei de quem não tinha. Só de quem tinha muito e podia se restabelecer", rebate. "O Wagner Moura deveria ter buscado conhecer quem sou eu. Garanto que ele teria mais honra de me representar do que interpretar um capitão da PM que executava fazendo pose de herói. Esse cara o Wagner Moura tem honra de fazer?" Por enquanto, a pergunta ficará sem resposta. Procurado por meio de sua assessoria, o ator não pôde responder. Ele estava em Berlim justamente para a exibição de Tropa de Elite 2.

Não é apenas Wagner Moura que quer manter distância do golpista. Apesar de ter dirigido uma produção com um protagonista chamado Marcelo Nascimento da Rocha, com o mesmo título da biografia do 171 e com vários episódios de sua trajetória, Toniko Melo publicou no Facebook: "VIPs é um filme 100% baseado na minha imaginação e na do Bráulio Mantovani, onde a 'realidade' é usada apenas como uma desculpa para investigarmos a nós mesmos".

A declaração chegou a Marcelo na prisão e não caiu bem. Em e-mail enviado à Trip no dia do fechamento desta matéria, os advogados Victor Hugo de Campos Santos e Giovanna Corrêa declararam que seu cliente estuda a hipótese de ingressar com um processo contra o diretor, para que este se retrate publicamente e declare que a história do filme baseia-se na vida de Marcelo e no livro VIPs. Apesar de ainda não ter visto o filme, Marcelo não descarta a ideia de pedir a suspensão de seu lançamento.

Adotando o discurso-padrão dos presos regenerados, ele garante que pretende pagar sua dívida com a Justiça e abandonar de vez o crime. "A prova maior de que estou me ressocializando é que eu não quis mais fugir", ele diz, com a autoridade de quem já liderou uma rebelião em Bangu e depois escapou do presídio carioca de "segurança máxima". Aos 36 anos, ele anuncia que quer usar seu poder de convencimento para o bem – escrevendo livros, ministrando palestras, cuidando dos negócios que adquiriu em Cuiabá com o dinheiro de VIPs, a biografia e o filme, ao lado de sua namorada. E que tal uma carreira na política? "Aí não. Eu tenho meus limites morais."

Você se lembra da primeira vez que contou uma mentira para se dar bem?

Eu tinha uns 10, 11 anos. Eu ganhei uma advertência por mau comportamento e dei um jeito de falsificar a assinatura da minha mãe. Não tive nenhum sucesso porque acabei deixando esse bilhete cair no pé dela na hora de sair de casa. "Nossa, o que é isso? Essa aqui não é minha assinatura."

Então o primeiro golpe não colou?

Não. Mas não foi exatamente um golpe. Existe uma linha tênue que separa a mentira do golpe. A mentira em geral é algo que você conta para esconder algum fato que pode te prejudicar. Como quando você pede para sua secretária dizer que você não está no escritório. O golpe de fato é aquele que você planeja, que você executa, em que você busca obter algum lucro.

Qual foi a primeira mentira que deu certo?

O pai de um amigo meu era sócio de uma grande empresa de ônibus, e eu usava isso para viajar quando tinha uns 14 anos. Eu dizia que era sobrinho do dono e acabava não pagando a passagem. Eu nunca gostei de ficar em casa, sempre dava um jeito de viajar. Eu acredito que boa parte dos conhecimentos que adquiri na vida foi através de viagens, conhecendo pessoas, lugares.



Marcelo à vontade numa cabine de avião

Seu pai morreu quando você ainda era adolescente. Esse Seu desejo de sair de casa tem algo a ver com isso?

Nunca tive esse intuito de fugir de casa, de deixar um bilhete dizendo "não volto mais". Eu via na TV uma matéria sobre um lugar e batia a vontade de conhecer. Minha mãe sabia que eu ia voltar depois de uma semana. Desde muito cedo, ela aprendeu a ser mera espectadora das minhas façanhas. Já meu pai não. Ele ia atrás, pegava ônibus, avião para me encontrar. E me falava: "Você escolhe a vida que você quer, o que você está fazendo é errado e pode te prejudicar no futuro". Minha família sempre foi voltada para a valorização dos princípios. Tive uma infância tranquila em Maringá [PR] e depois em Curitiba. Praticava esportes, tirava boas notas, meu único problema era mau comportamento.

Você tinha alguma sensação de prazer quando conseguia enganar alguém?

Olha. Eu vi uma reportagem na TV em que um, entre aspas, "renomado psiquiatra" dizia que eu tinha uma doença, uma sensação de orgasmo quando acertava um golpe. Umas coisas baixas pro nível de pessoa que ele julga ser. Mas eu acho que

ele é mais louco do que eu. Eu penso o seguinte: se você é um jogador de futebol e faz um gol, que sensação você vai ter? Satisfação, prazer. Não é diferente comigo. Eu ficava satisfeito quando um golpe dava certo, porque era esse meu objetivo. E comemorava fazendo festa. Aí vem um beócio me dizer que sou psicopata porque eu me satisfazia depois de ganhar dinheiro com um golpe. Será que ele não se satisfaz quando recebe por uma consulta?

Mas o problema não é justamente não diferenciar o legal do ilegal?

Sempre tive noção de que estava fazendo algo errado e que uma hora iria pagar por isso. Mas nunca tirei de quem não tinha. As pessoas se restabeleceram e espero que isso tenha servido de aprendizado para elas. Porque eu estou pagando aqui pela aula que eu dei. Todas as coisas que eu fiz na vida – salvo aquelas que fiz só para me divertir – foram muito bem calculadas. Eu sempre fui perfeccionista nas minhas empreitadas criminosas, nunca admiti erro. Talvez por isso eu tenha sido tão alvejado.

Em que sentido?

Alvejado pela mídia. As pessoas dizendo: "Ele é superinteligente e fez coisas que ninguém faz". O que eu faço qualquer um faz, basta querer. O que eu tenho de anormal em relação a algumas pessoas é o poder de persuasão. Meu plano agora é terminar de pagar minha dívida com a sociedade e ministrar palestras para usar esse poder de forma positiva. Aos olhos de Deus quero ser uma pessoa boa. Pelo menos nunca atentei contra a vida de ninguém, nunca machuquei, nunca matei. E espero ter ensinado a algumas pessoas que a ganância não leva a lugar nenhum.

A sua ganância?

Não, a ganância das pessoas. O alicerce dos meus golpes sempre foi a ganância dos outros. Essa é a principal arma que o estelionatário tem. Se uma pessoa não for ambiciosa, ela nunca vai cair num golpe. Ninguém oferece para uma pessoa duas moedas para ela te devolver só uma. Se acontecer com você, desconfie. É estelionato.

No livro VIPs, você disse que iria cumprir sua dívida com a sociedade e depois ter uma vida normal. Mas depois você fugiu da prisão e foi pego num pequeno golpe. Por que as pessoas deveriam acreditar desta vez?

Olha, essa história foi numa situação um pouco diferente do que é meu cotidiano. Fui atender ao pedido de um amigo que, como eu, estava foragido. A sobrinha dele estava doente e o sonho dela era ter um notebook. Eu estava com meu kit, que é como a gente chama o pacote com identidade falsa, cartão falso. Fui comprar o computador e acabei sendo preso. Não tomei os cuidados que normalmente tomaria. Na verdade, já estava de saco cheio daquela vida.

De fugas?

É. Não é bacana viver fugindo. Eu perdi muito do crescimento do meu filho, do contato com minha família. Agora quero ficar tranquilo. Financeiramente, não preciso mais da vida do crime. O dinheiro dos livros, do filme... isso me dá o conforto de sair para fazer o meu projeto.

E o dinheiro do crime?

Procurei me desfazer de tudo. Torrei antes de entrar aqui. Com festas, doações. Parti do princípio de que minha vida iria começar do zero.

E sua ideia é ganhar dinheiro como escritor, como palestrante?

Sim. E comprei uma distribuidora de bebidas, um salão de beleza e um bar em Cuiabá, que minha namorada está administrando. Quero ser uma pessoa que você possa abordar na rua e falar: "E aí, Marcelo? Tudo bem?". E eu possa me sentar com você para bater um papo sem a preocupação de ser cercado pela polícia federal.

Você já pensou em ser político?

Não, eu tenho meus limites morais [risos].

"O alicerce dos meus golpes sempre foi a ganância dos outros"

Você tem algum arrependimento?

Eu me arrependo de ter transportado drogas para o narcotráfico. Tenho a consciência pesada por saber que elas fizeram mal a muitas pessoas. O que eu tento fazer ao máximo para me redimir é apoiar pessoas para sair do vício. Há poucas semanas eu dei dinheiro para internar em uma clínica de reabilitação uma menina conhecida de um amigo de cela.

Você se enxerga como um Robin Hood, é isso?

Não. Sou mais um Lex Luthor do bem [risos].

Você encarnou diversos personagens na sua carreira de estelionatário. Você acha que sua atividade tem algum parentesco com a profissão de ator?

Não, acho que não. Tem uma coisa em comum: um dos grandes segredos de um golpista está na dicção. Acho que é algo pouco valorizado pelo ser humano. Vou demonstrar nas minhas palestras que isso é fundamental para convencer as pessoas de que você sabe o que está fazendo. Mas tem algo muito diferente do ator: eu nunca seria capaz de representar alguém que eu não poderia ser. Tem casos de estelionatários que falsificam uma carteira do Conselho Regional de Medicina e saem por aí operando pessoas. Isso é um absurdo, você está brincando com a vida de um ser humano. Nunca tentei entrar em uma área que não conhecia a fundo. Sempre me preparei muito para cada golpe.

E como era essa preparação?

Eu pesquisava muito, conversava ao vivo ou por telefone, usava a internet. Da mesma forma que a internet facilitou o combate ao crime ela também ajudou o criminoso a se aprimorar.

Você tinha que saber de tudo para tentar convencer as pessoas...

Sim. Mas você também tem que estar sempre muito atento e ser sempre rápido. Desde criança, eu tinha um raciocínio muito acelerado. Eu não dou tempo para a pessoa pensar. Vou te dar um exemplo: se eu tivesse uma empresa e fosse entrevistar alguém para uma vaga, eu começaria perguntando bem baixinho: "Qual é seu nome e de onde você veio?". Se a pessoa responde "hã?", já não serve para trabalhar comigo. A pessoa tem que ter dinamismo, atenção, sagacidade.

Dê um exemplo.

Desde que eu entrei aqui nesta sala, eu identifiquei o que pertence ao meu cotidiano e o que não pertence. Você tem que entrar num lugar e já saber quantas pessoas estão ali, o que elas estão vestindo, ficar atento ao que a pessoa vai falar, até para saber o que ela quer ouvir.

Existe um segredo para identificar o ponto fraco da pessoa?

Existe, mas não posso falar. Seria como ensinar o pulo do gato.

Quando eu cheguei aqui para entrevistá-lo, o que você observou?

Um exemplo: vi que você usa All Star. Quem usa esses tênis? Pessoas despojadas, relax. Se um cara não está nem aí pro vestuário, ele não tá nem aí com outras coisas, então você já começa falando de futebol, essas coisas. É diferente de você entrar numa sala e ver um cara de terno Armani e relógio Rolex, você vai ter que se aprofundar nos assuntos. Outro exemplo: eu vi que você tem sobrenome árabe. E os árabes são bons negociantes, difíceis de enganar.

Agora você está tentando falar o que eu gostaria de ouvir...

Não, estou falando sério. Eu evitava dar golpes em árabes. Brincava com os companheiros: "O cara é Salim, deixa pra lá que vai dar problema".

Essa capacidade de persuasão foi um talento que você desenvolveu ao longo do tempo?

Cara, eu devo ter nascido com isso, porque eu não me lembro de ter estudado... Eu acho que foi o dom maior que Deus me deu. Até por isso eu não mexo com religião.

Não foi sua mãe que perguntou PRA VOCÊ por que não monta uma igreja?

Foi ela, mas várias outras pessoas também. Não faço por quê? Porque sei que daria certo. É muito fácil você pegar um aleijado e falar pra ele assim: "Cara, fé em Deus que você vai melhorar". Porque Deus é a única coisa em que a gente tem que acreditar. Eu não brinco com as coisas de Deus, com a fé das pessoas.

Você é religioso?

Sou católico, fui batizado, mas não sou praticante. Tenho lido sobre kardecismo e gostado.

Vamos falar de Seu caso mais famoso, o da gol. Foi golpe ou mentira?

Foi uma brincadeira que cresceu. Não foi golpe. Não planejei aquilo, não lesei ninguém. Fui ao Recifolia para relaxar. O fato de me passar por filho do dono da Gol começou com uma brincadeira que nem foi minha. Foi um amigo que tava comigo no camarote. Como as pessoas não olhavam pra gente, ele chegou para umas modelos e comentou: "Aquele cara ali é o filho do dono da Gol".

Mas você não tinha ligado antes pro camarote dizendo que era da Gol?

É verdade, mas eu disse que era diretor, só para conseguir uns abadás.

"O mundo dos vips é podre. Eu sou falso? Falso é quem me tratou bem achando que eu era alguém"

E o helicóptero e o jatinho que você pilotou? De onde surgiram?

Tudo caiu na minha mão. Tava dando tudo tão certo que eu nem aguentava mais. "Tá de carro?" "Não." "Ah, então pega minha BMW aqui." "Eu quero ir à festa. Tem heliporto?" "Tem. Pega meu helicóptero." Daí vinha outro: "Porra, também tenho helicóptero, pega o meu." Não vou pegar? Claro que vou.

E o Amaury Jr., como aparece na história?

Ele passou do meu lado, e eu disse para um colega: "Olha o Amaury Jr". E ele virou a cara. Daí eu vi que uma menina da produção do programa foi correndo e falou alguma coisa no ouvido dele. O Amaury voltou e me deu um abraço: "Constantino, meu querido!". Ele mesmo depois confessou isso numa entrevista. Que é diferente ouvir "sou fulano de tal" ou "sou o Zurita da Nestlé". Você vai receber tratamento diferenciado. Pelo menos ele foi sincero em falar isso. O Amaury é uma pessoa única, né?

Qual é sua visão sobre esse mundo dos VIPs depois desse episódio?

É podre. Pura falsidade. Eu, me passando por outra pessoa, fui assediado por caras que fingiam me conhecer há 10, 15 anos. Só é bom para você agarrar mulher. Fora isso, é um mundo porco. As pessoas vivem de aparência. Eu sou o falso? Falso é quem me tratou bem achando que eu era alguém. Nesse caso, deram uma proporção maior por causa dos globais que estavam comigo. Até hoje me perguntam com que mulher eu fiquei na festa.

Com que mulher você ficou na festa?

Não conto. Só no livro que vou escrever. Mas exageraram nas histórias. Falaram que eu peguei três mulheres famosas e eu só peguei duas.



Exibindo uma de suas muitas carteiras falsas

Você tinha um desejo de sacanear essas pessoas, de mostrar que podia pertencer àquele lugar mesmo sendo gordinho, meio careca, classe média?

Não. Eu frequentava essas festas porque, em primeiro lugar, a polícia nunca vai a esses lugares. Segundo, porque eu sempre tive bom gosto. Terceiro, porque, gordinho ou não, eu gosto de mulher. Lamentavelmente eu ia para arrumar mulher.

Como você compara a ética no mundo dos VIPs com a do mundo do crime?

Ah, cara, no crime tem mais ética. Até porque você é penalizado mais facilmente, então você sabe que não pode fazer determinadas coisas. Um estupro é uma coisa inaceitável dentro do crime. No mundo dos VIPs, se o cara tiver grana e disser que não foi estupro, vira uma relação forçada, passa batido.

Apesar de ser considerado um grande golpista, você foi pego várias vezes, incluindo o caso da Gol. O que aconteceu nesses casos?

Se você analisar minha vida pregressa, vai ver que na maioria das vezes que fui preso foi por causa de mulher. Ou eu fiquei na cidade para ficar com uma mulher mais um dia ou porque tinha uma festa com muita gostosa. Teve um delegado federal que me falou uma vez: "Marcelo, prender você é a coisa mais simples do mundo. Pode fugir. Porque é só pegar uma festa boa que vem por aí e esperar por você". E era isso mesmo. Eu não tava nem aí pro risco de ser preso, porque eu sempre tive a sagacidade de saber como sair. O que não faço mais hoje. Se quisesse ter fugido, já teria fugido.

Você se passou mesmo por líder do PCC numa rebelião no presídio de Bangu?

Isso foi uma falha de comunicação da Globo. Eu nunca me intitulei membro daquela facção. Meus amigos do PCC e do Comando Vermelho me nomearam para ser porta-voz da rebelião, porque eu sou articulado. Eu negocieei com a polícia as condições para terminar a história sem violência. E, na prática, o negociador vira o líder da rebelião. Depois eu me dei mal por isso. Porque houve uma fuga e a polícia achou que eu era responsável. Apanhei da tropa de choque por nove horas seguidas. Nove horas de massagem intensa. Por isso eu decidi fugir depois, para mostrar que eu podia sair na hora que quisesse.

Você não tem medo de morrer quando sair? Por exemplo: seu ex-patrão no narcotráfico não pode se incomodar com sua vida nova?

Não. As pessoas dizem que não dá para sair do crime. Mas quem quer sai. Eu tenho uma boa relação com meu patrão até hoje. Mas ele sabe que não faço mais parte do casting dele. É uma pessoa com quem não vou mais conviver, pela minha nova opção de vida. Mas deixei as portas abertas para voltar pelos lugares onde passei. Sempre fui o melhor naquilo que me dediquei a ser. Mas agora quero usar minha inteligência para um lado bom. Só não vou fazer como Frank Abgnale [o golpista americano que inspirou o filme *Prendame se for capaz*, de Steven Spielberg, com Leonardo DiCaprio], que começou a combater fraudes para o governo americano. Não vou combater o que já fiz.

Já compararam você ao Abgnale? faz sentido?

Não. Até porque eu sou mais bonito que o Leonardo DiCaprio [risos]. Brincadeiras à parte, eu piloto avião, e ele não. E o ramo dele era mais falsificação. O meu é mais complexo, porque você tem que trabalhar só com inteligência, sem muita documentação. Não é fácil vender um equipamento que não existe para alguém que sabe tudo daquele equipamento.

Você tem algum ídolo?

Tenho vários, mas não no mundo do crime. O Bono, por exemplo, não só pela música, mas pelo bem que ele faz aos outros. O Chico Xavier. O Jô Soares. Eu queria ter um terço da inteligência dele. Quando ele disse pra Mariana [Caltabiano], no programa dele, que eu daria um bom escritor ou roteirista, eu pensei: "Se ele tá falando isso, é porque eu sirvo para alguma coisa". Daí eu fui lá e escrevi o *Fábrica de monstros*, meu primeiro romance.

Você passa o dia escrevendo? Como é sua rotina na prisão?

Tomo banho de sol, como, leio, escrevo. Estou me dedicando a um novo livro, que tem como título provisório *Pulgas, fugas e rugas*, sobre minha vida dentro e fora do sistema prisional. Tem tudo o que não contei pra Mariana.

No livro da Mariana, tem uma frase que você disse para sua mãe: "É melhor viver bem por 30 anos do que viver na merda até os 70". Ainda faz sentido?

Faz. Vou te dar um exemplo da minha família. Uma vez levei dois irmãos meus para viajar. Eles ficaram em hotel cinco estrelas, saíram com um monte de mulher, foram a lugares que nem sonhavam existir. Depois me falaram que foram os melhores dias de suas vidas. Eu fui o único cara da minha família que saiu de casa para fazer sua história. Bem ou mal, você está me entrevistando porque eu fiz bem-feito aquilo que me propus a fazer.

Você tem um filho de 10 anos. Ele sabe das suas histórias?

Ainda não. Quando eu sair da prisão, quero sentar com ele e conversar a respeito disso tudo.

Como está a vida amorosa na cadeia?

Vai bem. Eu tenho minha namorada, que vai virar minha esposa. Eu a conheci num episódio engraçado. Quando eu fugi da última vez, vim pro Mato Grosso e me passei por delegado federal. Nós nos conhecemos e saímos durante um mês, sem ela saber quem eu era, o meu nome real. Daí eu fui pra Rondônia e fui preso. Ela descobriu onde eu estava e pediu à diretora da prisão pra me visitar. Ela foi logo perguntando: "E

aí, cara, o que você quer da sua vida?". Eu disse: "Quero pagar minha pena, construir uma vida melhor". Daí ela falou: "Então eu vou estar junto com você". E está, desde aquela época.

Como você lida com a fama que veio com as reportagens, o livro, o filme?

Em geral, eu vejo como algo bom. Mas às vezes chega um preso novo falando: "Porra, queria ser que nem você. O que eu devo fazer?". E eu respondo: "Cara, sai da prisão, vai estudar e trabalhar. Porque hoje no Brasil a malandragem é ser honesto". Vou te dar um exemplo de um colega de cela que deu uma saída rapidinha e voltou pra prisão. Ele me disse: "Irmão, desisti do crime. Só vou pagar minha pena e vou embora". "Por quê? Tá arrependido?" "Não. É que um cara que era meu vizinho, um bobão, tá com moto, carro, mulher, vivendo bem. E ganha R\$ 700 por mês!" Quer dizer, antigamente você entrava pro crime para ter uma vida melhor. Mas agora já dá para viver bem longe do crime.

"Hoje no Brasil a malandragem é ser honesto. Dá para viver bem longe do crime"

Você entrou para o crime por causa do luxo?

Se tivesse contente com aquela vida de classe média, eu teria ficado em casa. E estaria bem hoje. Mas levaria mais tempo e o trabalho seria mais árduo. O meu foi prazeroso. Se você entra pro crime comendo pão com manteiga, é porque quer comer pão com presunto. Ninguém entra pro crime por tesão, cara... Se bem que tem sim. Por isso é que eu não admito que meu filho escute rap. Coisa mais ridícula uma criança dizendo "quando eu crescer eu quero ser 157".

Você se surpreendeu com o sucesso do livro?

Muito. Não achei que o livro fosse ter futuro algum, até porque não achava minha história interessante. Mas, quando eu fugi da última vez, vi várias comunidades sobre mim na internet.

E a coisa deve aumentar com o filme VIPs, que é uma grande produção...

Fiquei muito feliz em relação ao filme. Mas, cara, não me pergunta sobre o Wagner Moura.

Por quê?

Ele é um cara competente, mas com pouca sagacidade. Já que ele está me representando, ele deveria ter estudado um pouco a minha vida, porque aí ele não teria a infeliz ideia de dar uma declaração idiota dizendo que não queria me conhecer porque eu roubo dinheiro de velhinha. Só se eu roubei da vó dele. Nunca roubei de quem não tem. Sempre de quem tem.



Marcelo: época em que falsificava apenas bilhetes escolares

"O Wagner Moura deveria ter mais honra de me representar do que de fazer o Capitão Nascimento"

Você já viu o filme?

Não, mas sei que o Wagner Moura foi uma escolha infeliz, apesar de ele ter feito um bom trabalho, porque ganhou prêmio [de melhor ator no Festival do Rio]. Só que ele deveria ter buscado conhecer quem sou eu. Garanto que ele teria mais honra de me representar do que interpretar um capitão da PM que comandava um esquadrão de justiceiros que fazia julgamentos por conta própria, que executava com pose de herói. Esse cara o Wagner Moura tem honra de fazer? Caso esse ator não se lembre, em Carandiru ele fazia o papel de um noiado que matou o colega de cela que tentou evitar que ele usasse drogas. Disso ele não tem vergonha? Ninguém obrigou ele a aceitar esse papel, e muito menos eu o convidei. Desde o início eu preferia o Selton Mello.

Só pra concluir: Você mentiu muito nesta entrevista?

Não teria graça dar entrevista mentindo sobre mim. Não estou aqui para te dar um golpe.

Revista TRIP, março de 2011.

O prazer e a culpa (CONTARDO CALLIGARIS)

ADMIREI A reação dos japoneses diante do desastre - terremoto, tsunami, contaminação nuclear. Nas declarações oficiais e nas palavras das vítimas, a catástrofe é apenas um acidente: pode haver responsáveis por falhas na prevenção, na segurança ou nos socorros, mas a catástrofe em si não tem sentido algum. Será que nós, ocidentais, seríamos capazes da mesma atitude? Não sei.

A peste assolou repetidamente a Europa do século 14 ao 18. A primeira grande epidemia, de 1347 a 1352, matou um quarto da população europeia. Para que o horror não induzisse ninguém a pensar que o universo era sem sentido, duas reações populares: 1) perseguir judeus e bruxas, supostamente responsáveis pelo contágio, 2) juntar-se aos flagelantes, penitentes que erravam pelo continente se fustigando até o sangue. Para o flagelante, a peste era um castigo pelos pecados do mundo; portanto, punir-se por eles talvez fosse o jeito de tornar a peste desnecessária.

Naqueles quatro séculos, a Europa se cobriu de igrejas que eram construídas como oferendas para que a epidemia se acalmasse; nelas, homens e mulheres faziam promessas, pedindo para serem poupados.

Ainda hoje, na calamidade e no medo, a promessa que acompanha o pedido feito a Deus ou aos santos sempre propõe uma renúncia: o pedinte se engaja a se privar de algo, do sexo ao chocolate. Funciona assim: 1) meu prazer e meu gozo são sempre culpados, 2) portanto, qualquer mal que me assale se explica como punição de minhas culpas, 3) a renúncia aos meus prazeres pode me redimir e estancar a punição.

Como chegamos a fazer esse estranho uso dos prazeres, ou melhor, da renúncia aos nossos prazeres? Três respostas, não excludentes (e insuficientes).

1) Bem ou mal, educar implica conter, impor frustrações e renúncias. Com isso, a aprovação dos educadores sempre parece proporcional à aceitação das renúncias pelos educandos. Ou seja, os jovens podem ser levados a pensar que é só frustrando seus próprios desejos que eles ganham o amor dos adultos.

2) No fim do primeiro milênio, cada vila europeia vivia no medo de bandos errantes. Quando eles se aproximavam, o povo se reunia na igreja e rezava. Isso não impedia nem saques nem estupros. O que pensar quando os bandidos iam embora? Deus não nos protege porque não existe? Deus existe, mas não dá a menor para a gente? Devia triunfar a versão que conciliava o desastre com a existência de Deus: o próprio Deus mandou os bandidos para nos punir de nossos pecados.

3) Talvez seja menos angustiante viver num mundo que faz sentido do que num mundo que não teria sentido algum. Por exemplo, como é que você aguentaria o pensamento da morte futura sem o conforto da ideia de que ela está incluída numa ordem cósmica ou num plano divino?

Infelizmente, esse conforto tem um custo alto, pois o jeito mais fácil de garantir a existência de um sentido do mundo consiste em me atribuir a culpa por todos os males. Ou seja, minha culpa e meu esforço para me redimir "provam" que existe uma ordem (justamente, a que eu ofendia quando me entregava a meus prazeres). Corolário: se meus prazeres culpados são a causa dos males, não preciso responder "adequadamente" às calamidades, bastará modificar minha conduta de modo que minhas ofensas sejam perdoadas.

Além de dar sentido ao meu mundo, a culpa me oferece a ilusão de agir de maneira eficaz: como o flagelante, posso esperar que minha renúncia ao prazer suspenda a punição. De repente, doenças e catástrofes talvez parem diante de minha conduta meritória. Em vez (ou além) de procurar as condições de prevenir um terremoto ou de debelar um câncer resistente, rezarei noite e dia e me fustigarei em penitência. Se, de qualquer forma, o terremoto vier ou o câncer triunfar, será porque não me afoitei o suficiente.

Pois bem, não acredito que, em nossa cultura, esse bizarro uso dos prazeres e da culpa tenha mudado substancialmente nos últimos sete séculos. Continuamos fundamentalmente inimigos do nosso prazer. Prova disso: há, hoje como no século 14, bandos errantes que denunciam nossos tempos "hedonistas" e nossa voracidade por prazeres e gozos. São os flagelantes verbais: criticam o prazer para fomentar a culpa. É o jeito (custoso) que eles acharam para dar sentido ao mundo.

[ccalligari@uol.com.br](mailto:calligari@uol.com.br) - Folha de São Paulo, março de 2011.

O delicioso perfume de Emma Bovary (LUIZ FELIPE PONDÉ)

DE FATO, uma tragédia no Japão! Mas o povo japonês é um grande povo, estoico, maravilhoso, e vai dar uma lição ao mundo, mais uma vez, de como enfrentar a dureza da vida sem frescuras. Confio nos samurais contra esta bela besta-fera que é a natureza.

Claro que o bloco dos 2012 maníacos pelo fim do mundo vai dizer que a "mãe Terra" (que está mais pra Medeia do que pra Gaia) está nos mandando um recado, mas isso é bobagem, a natureza é cega. Não faço parte dos fanáticos "believers da religião verde". Sou um herege. Os "nature lovers" sabem que câncer é natural? Sou mais dado a assuntos "menores", do tipo que enche o consultório dos analistas e nossas camas sujas.

"O que você acha da culpa e da traição?", me perguntou, outro dia, uma jornalista, um tanto ansiosa. Senti o delicioso perfume de Emma Bovary no ar. Sei que pode haver culpa, mas o que me espanta mais é a ideia contemporânea de que haja uma "redenção pelo sexo".

Antes de tudo, não entendo a culpa como uma "ideia da consciência moral". Acho que quando a filosofia pensa a culpa como uma "ideia da consciência moral", ela faz má filosofia.

A culpa é mais um sentimento difuso que vai do fígado ao coração, assombrando o cérebro, escurecendo a

visão, um zumbido nos ouvidos, que faz do mundo opaco. Uma ameaça que inunda o sangue.

Como uma náusea que não se sabe de qual órgão do corpo vem, nem para qual faculdade da alma se dirige. Um afeto incômodo, mas que faz você sentir que ainda tem corpo e alma, como numa intoxicação que paralisa o cotidiano.

Por isso usamos expressões como "ressaca moral". A culpa inunda o sangue, contaminando-o como faz o vinho, deixando um gosto de borracha na boca e a língua azeda.

Um erro comum é a fantasia de que uma vida sexual "louca" cura a alma de sua insatisfação cotidiana. Não, uma vida sexual "louca" é marca de uma alma louca de desejo. Nada mais. Como qualquer tara, é repetitiva, monótona, banal. Um vício, como o jogo, a cocaína, o álcool. Uma loucura humana demasiado humana, mas não sinal de uma nova atitude libertadora.

Só pessoas que vivem sonhando, pensando na maravilha que seria ser uma Emma Bovary, sem nunca ter pecado, sem nunca sentir o gosto de uma cama suja na boca, imagina que haja redenção no desejo sexual "emancipado".

Não digo isso pra negar o valor de se realizar desejos. Longe de mim a crença na armadilha do velho puritanismo. Deixo o puritanismo para as militantes da "pureza da natureza feminina" e para esses maníacos pela alimentação "sem sangue".

Digo isso para refutar a ideia infantil de que haja redenção no sexo ou em qualquer outra forma do desejo humano. O ciclo do desejo é um círculo infinito cuja esfera está em toda parte e o centro em parte alguma. Este movimento descreve o sem-fim do inferno humano.

O desejo é sempre triste. Apenas quem não o conhece o julga redentor. A revolução sexual é puro marketing de comportamento. Venda de "estilos e produtos de prazer". Sua verbosidade é indício de sua nulidade. Nossos avós faziam sexo melhor do que nós e nossos filhos que se gabam de beijar dezenas numa noite. O pecado é que dá tesão e não a liberdade sexual.

Uma das marcas do ridículo de nossa época é levar os jovens a sério demais. Atitude típica de covarde que foge da responsabilidade de dizer aos mais jovens que não há solução para vida e que tudo o que eles pensam já foi pensado antes deles e melhor.

A vida nasce, é bela, floresce, adoce e morre, sendo esquecida em meio aos vermes. E fazemos o que podemos em meio a isso. Espanta-me como tanta gente grita dizendo que não vai ter água e comida pra todo mundo. Acho que o que vai acabar antes é a libido diante de tamanha masturbação sobre como ela salva a vida da sensação de nulidade cotidiana. Não vai sobrar libido para todo mundo, já que todo mundo deve ser um campeão do sexo.

Não existe sexo de graça (livre). A forma mais barata ainda é pagar com dinheiro ou um jantar. Daí o sucesso eterno da prostituição, porque sua nudez é ainda a mais em conta. Ou se paga com dinheiro ou com a alma.

ponde.folha@uol.com.br - Folha de São Paulo, março de 2011.

SEXO & SAÚDE

O papel do Facebook na prevenção de suicídios (JAIRO BOUER)

VÁRIOS ESTUDOS têm sido publicados nos últimos meses sobre os efeitos nocivos que o uso excessivo das redes sociais pode trazer para os jovens. Menos horas de sono, maior exposição a "cyberbullying", maior dificuldade de concentração e queda de rendimento nos estudos são só alguns deles.

Mas as redes sociais são hoje, de longe, uma das principais formas de os jovens se conectarem à internet. Que tal, então, pensar em formas de aproveitar a capilaridade dessas redes e a assiduidade da frequência nelas como um potencial indicador de riscos?

Na última semana, o Facebook lançou, no Reino Unido, um sistema que permite que amigos possam avisar autoridades quando percebem que alguém corre risco de cometer suicídio. A iniciativa é uma parceria do site com os Samaritanos (grupo especializado em lidar com essa questão).

A ideia surgiu depois que uma série de usuários postou na rede sua intenção de cometer suicídio. Agora, se os amigos suspeitam que um contato seu está sob risco, ele preenche um relatório com detalhes, que é encaminhado aos moderadores do site. A ameaça é avaliada, e as autoridades médicas ou a polícia podem ser acionadas, se necessário. Nos três primeiros meses de teste, os relatos de risco de suicídio foram reais e ajudaram a encurtar o acesso a alguma forma de apoio.

Muita gente pode discutir se esse tipo de mecanismo não fere os direitos individuais e a liberdade de expressão dos jovens. Mas também há que se pensar que, muitas vezes, em casos de depressão, o risco de morte pode aumentar muito, sem que a pessoa tenha uma noção ou um controle exato sobre suas atitudes.

Será que esse alerta poderia ser utilizado para outras situações que colocam a vida dos jovens em

risco, como nas brigas de gangues ou de grupos rivais "agendadas" pelas redes sociais? O que você pensa disso?

ibouer@uol.com.br - Folha de São Paulo, março de 2011.

O bê-á-bá para conviver com a diversidade sexual (TORY OLIVEIRA)

MEC cria kit anti-homofobia para combater o preconceito na escola.

Depois de discutir com uma colega na aula de Educação Física, Alecks- Batista foi abordado dentro dos muros do colégio particular onde estudava pelo pai da menina. "Ele me chamou de bichinha, viado e aidético", lembra, que na época tinha 16 anos.

A diretoria do colégio de classe média alta de Curitiba, no Paraná, não se manifestou sobre a agressão. "E eu me vi ali sozinho." Hoje com 20 anos, estudante de Ciências Contábeis e gay assumido, Alecks ainda se lembra da sensação de isolamento, das piadinhas e da discriminação praticada pela maioria dos professores e alunos durante o Ensino Médio. Na sua época de escola, Alecks não era convidado para festas ou para jogos de futebol – na maior parte do tempo, circulava acompanhado apenas de amigas mulheres ou com dois outros colegas, também gays.

A situação vivenciada por Alecks não é exceção – investigações realizadas pela Unesco e também pelas ONGs Reprolatina e Pathfinder demonstram que há forte presença da homo-lesbo-transfobia (discriminação contra gays, lésbicas, transexuais e travestis) dentro das escolas brasileiras. Publicada em 2004, a pesquisa da Unesco revelou, por exemplo, que um quarto dos estudantes entrevistados não gostaria de ter um colega homossexual na mesma sala. De acordo com a pesquisa qualitativa realizada pela Reprolatina em 2009 em 11 capitais brasileiras, evasão escolar, tristeza, depressão e até casos de suicídio são observados entre a população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) como consequência de um ambiente escolar homofóbico. "O ambiente escolar é em geral hostil para o exercício da diversidade sexual. Os professores não estão preparados e não têm compreensão maior da sexualidade e da homossexualidade", explica a pesquisadora responsável pelo estudo, Margarita Díaz.

Diante do quadro, o Ministério da Educação, em parceria com entidades ligadas aos direitos LGBTs, produziu um kit de material educativo que será distribuído oficialmente para os professores de 6 mil escolas



Por Tory Oliveira. Foto: Eduardo - Knapp/Folhapress

públicas a partir do segundo semestre deste ano. O projeto – batizado informalmente de "kit anti-homofobia" – é uma das ações do programa federal Escola sem Homofobia. Polêmico, o assunto já vem causando celeuma, principalmente na internet, onde grupos se manifestam acaloradamente a favor e (principalmente) contra o material, chamado de "kit gay" pelos seus opositores.

O kit

Destinado ao Ensino Médio, o kit é composto de caderno, pôster, carta ao gestor da escola, seis boletins (boleshs) e cinco vídeos. "É um material para a promoção dos direitos humanos, com o objetivo de fazer da escola um espaço de

todas as pessoas, onde se possa aprender a conviver com a diversidade", justifica Maria Helena Franco, uma das coordenadoras de criação do kit de material educativo. Considerado peça-chave do kit, o caderno é um livro de 165 páginas, no qual o educador encontra referências teóricas, conceitos e sugestões de atividades e oficinas para se trabalhar o tema da diversidade sexual nas escolas. "O caderno ensina como fazer um projeto político-pedagógico a ser assumido pela escola como um todo sobre esse enfrentamento da violência homofóbica", conta Maria Helena. Escritos em linguagem jovem e acessível, os boletins seriam distribuídos

entre os estudantes e também tratam da temática da diversidade sexual, com jogos, depoimentos e sugestões de filmes.

Entretanto, o objeto de maior polêmica é a parte audiovisual do kit, que inclui três pequenos vídeos produzidos especialmente pela ONG Ecos, que trabalha com o tema desde 1989. Produzidos com diferentes estéticas – teledramaturgia tradicional, animação de fotos e desenhos – os vídeos abordam de forma coloquial temas específicos como lesbianidade, transexualidade e bissexualidade. “São temas muito estigmatizados e pouco compreendidos”, explica Vera Lúcia Simonetti Racy, uma das coordenadoras da criação do kit do material educativo.

Criado por uma equipe multidisciplinar, o kit completo levou cerca de dois anos para ser pesquisado, construído e validado. Apenas o roteiro de um dos filmes, sobre o namoro de duas meninas, demorou oito meses para ser aprovado.

Ousada e polêmica, a proposta do material educativo atende a uma demanda das entidades que lutam pelos direitos LGBTs e também dos educadores – que não encontravam subsídios para trabalhar o tema em aula – além de estar articulada com políticas públicas de combate à homofobia de maneira geral. “O que a gente quer é que o professor esteja atento a essa situação de homofobia. A escola precisa ser um espaço de respeito e de formação cidadã.”, conclui Carlos Laudari, presidente da ONG Pathfinder.

Preconceito velado

Realizada em Manaus, Porto Velho, Recife, Natal, Goiânia, Cuiabá, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba, a pesquisa da Reprolatina procurou investigar qual era o conhecimento e a atitude prática de educadores e alunos a respeito da homofobia nas escolas. Foram entrevistadas 1,4 mil pessoas, desde secretários da Educação até pessoas que fazem parte do cotidiano da escola, como merendeiras e porteiros, passando por diretores, coordenadores, professores e estudantes.

Foi detectado um ambiente altamente homofóbico – resultado semelhante em todas as cidades – uma realidade, porém, em geral negada pela comunidade escolar. Segundo Margarita Díaz, quando perguntados sobre a existência de homofobia na escola, a resposta dos participantes da pesquisa era quase sempre negativa. Entretanto, quando se começava a discutir sobre o que acontecia quando havia a presença de um menino gay ou uma menina lésbica na escola, os relatos mostravam muitas piadas e atitudes potencialmente ofensivas. Tais reações não eram catalogadas como homofobia. “Elas são enxergadas como brincadeiras. Na verdade, essa ‘brincadeira’ é, sim, uma reação homofóbica, mas ela está muito naturalizada”, explica Margarita.

A ausência de aulas sobre educação sexual que contemplem a diversidade também é apontada como um dos fatores que contribuem para a permanência da homofobia nas escolas. Segundo especialistas, a educação sexual disponível para a maioria dos estudantes é essencialmente heteronormativa, ou seja, reproduz um modelo que coloca a heterossexualidade como norma, o que acaba classificando outras manifestações de gênero, amor e sexualidade como desvios. “É uma educação sexual baseada no senso comum da sociedade, e não uma educação sexual atendida com as políticas públicas”, conta Margarita Díaz. Outro ponto percebido durante a pesquisa era o desconhecimento pelos educadores da existência de políticas públicas voltadas ao combate da homofobia.

Evasão escolar

Além de casos de violência física, uma forma quase invisível de violência nas escolas – que inclui o isolamento, rejeição, brincadeiras e piadas – também costuma marcar os jovens homossexuais para a vida toda. “Especialmente na adolescência, a gente quer se enturmar. Quando você é rejeitado pelos seus pares, é um sofrimento horrível”, conta a terapeuta especializada em diversidade sexual e questões de gênero, Edith Modesto, que também é fundadora do Grupo de Pais de Homossexuais (GPH) e do Projeto Purpurina, que atende jovens de 14 a 24 anos. “Eles falam da escola com muita mágoa, lembram da discriminação, do desprezo e da rejeição.”

O quadro é ainda mais grave quando se analisa a situação de estudantes transexuais e travestis. Segundo especialistas, não há espaço para eles na escola. Além de o preconceito ser maior, questões como o uso do nome social na chamada ou até mesmo situações prosaicas como qual banheiro o jovem travesti deve usar pesam e acabam contribuindo para o abandono da escola. “Existe uma porcentagem dos nossos jovens que está sendo socialmente discriminada e forçada a assumir um papel sexual que não é dela”, lamenta Carlos Laudari. “A gente pretende que a escola seja uma escola cidadã, em que o aluno brasileiro aprenda a viver com a diferença.”

“Outro aspecto importante da necessidade de esse tema estar na escola é que certos jovens acabam saindo, porque o sofrimento é tão grande e o ambiente é tão agressivo que a criança ou o adolescente acaba desistindo de estudar. Os índices de evasão escolar são significativos para essa população”, explica Vera Lúcia. Segundo ela, o papel mais importante do kit anti-homofobia é informar e contribuir para erradicar a

violência e o preconceito. “Na medida em que você trabalha esse tema na escola e consegue criar uma convivência melhor e mais respeitosa, isso acaba se refletindo nas relações sociais como um todo.”

Revista CARTA NA ESCOLA, março de 2011.

A aula pode ser atraente (CIBELLE CELESTINO)

Contextualizar multidisciplinarmente a história do conteúdo a ser lecionado ajuda o aluno a entender a relevância do que ele precisa aprender

Apesar dos profundos avanços sociais, científicos e tecnológicos ocorridos nos últimos cem anos, os currículos das disciplinas científicas e a forma como são seguidos pouco mudaram. É um grande desafio para os professores de Física, Química ou Biologia tornar as aulas e o conteúdo mais atraentes para alunos que, muito frequentemente, se perguntam por que precisam aprender tudo aquilo.

A importância da contextualização e interdisciplinaridade para a aprendizagem tem sido enfatizada como uma das formas de promover o envolvimento dos estudantes. Materiais baseados na História e Filosofia da Ciência podem funcionar como elementos de contexto possíveis ao revelar que a ciência está intrinsecamente ligada aos contextos social, filosófico e econômico, entre outros. Por exemplo, ao falar de eletrodinâmica, é possível associar o conteúdo explorando-se a história do desenvolvimento da eletrificação, das suas consequências para a industrialização, mudanças no estilo de vida da sociedade e os problemas contemporâneos derivados da dependência de fontes de energia.

Outro aspecto favorável é também mostrar como o conhecimento científico é construído, validado e aceito, ou seja, ensinar sobre a natureza da ciência. Esta abordagem foi fortemente influenciada pelo movimento Ciência-Tecnologia-Sociedade-Ambiente a partir da década de 1990, afetando a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e das diretrizes curriculares de vários estados.

A História e a Filosofia da Ciência podem facilitar o aprendizado do conteúdo científico e permite acrescentar os métodos utilizados pelos cientistas para desenvolver novas teorias, e também como novas ideias são aceitas pela comunidade científica. A construção do conhecimento da Ciência é um processo complexo baseado na refutação e transformação de ideias aceitas previamente somadas ao desenvolvimento de novas. Sendo assim, a História da Ciência esclarece que este processo é influenciado por fatores de natureza social, cultural, filosófica, econômica, tecnológica etc., contribuindo para evidenciar seus significados para as futuras gerações e para apresentar o processo científico em toda a sua riqueza, mostrando que a ciência tem uma longa tradição de construção coletiva e que não está isenta de influências externas.

Uma abordagem histórica também favorece a compreensão de conceitos científicos tidos como difíceis ou muito abstratos, já que os estudantes poderão entender suas dificuldades e como elas foram enfrentadas por cientistas do passado. Além disso, uma boa parte do interesse da comunidade de educadores pela história das ciências é resultado das pesquisas sobre as concepções prévias de crianças desenvolvidas por Jean Piaget e outros. Esses trabalhos mostraram que os estudantes possuem concepções a respeito da natureza que, muitas vezes, diferem do conhecimento científico atual. Em alguns casos, as concepções dos estudantes estão muito próximas de explicações que já foram aceitas no passado. Deste ponto de vista, a História da Ciência, aliada às inúmeras pesquisas já realizadas para mapear as concepções alternativas, é um instrumento importante para a promoção da tomada de consciência dessas concepções por parte dos estudantes.

A interação com o conteúdo de outras disciplinas também pode ser desenvolvida através de atividades envolvendo História e filosofia das ciências. Além disso, a História da Ciência introduz um componente emocionante nas aulas, colocando o aluno em contato com os debates envolvidos na construção dos conceitos e com os equívocos e contradições dos cientistas. A História da Ciência também é importante para promover habilidades investigativas por trazer exemplos de investigação científica. Através de estudos de casos escolhidos e desenvolvidos, professores podem agir como mediadores da aprendizagem por investigação ao buscarem interpretações levando em conta aspectos lógicos, culturais, experimentais etc.

Cuidados com o enfoque

Apesar de seus potenciais benefícios, no Brasil, bem como em outros países do mundo, a aproximação entre História da Ciência e ensino geralmente ocorre de forma superficial e equivocada, enfatizando os aspectos caricaturais dos cientistas, reforçando a ideia da existência de “gênios”, reduzindo a história a nomes e datas e, conseqüentemente, transmitindo uma visão errada sobre o método científico. Não existe uma única forma de contar estes feitos. Há quem a narre de forma linear, valorizando os conceitos atualmente aceitos, ou seja, uma história contada do ponto de vista dos “vencedores”. Isso dá a impressão de que o desenvolvimento científico não poderia conduzir a outro lugar que não a nosso

conhecimento atual. Toda complexidade da história é ignorada, assim como os inúmeros erros e desvios de percurso que a investigação científica apresenta. Os livros didáticos contam uma história das ciências que privilegia a memorização de nomes, datas de alguns poucos feitos científicos, e os acertos de certos personagens retratados como heróis. Raramente temos oportunidade de aprender sobre os erros cometidos por pessoas como Galileu, Darwin e outros famosos.

Há uma tendência a se concentrar em “histórias anedóticas”, presentes em livros didáticos e no imaginário popular que não encontram o menor embasamento histórico, como por exemplo, Arquimedes e a banheira, Newton e a maçã, entre outras. Longe de discutir os aspectos históricos que deveriam ser explorados tais como os relacionados com os conceitos e com o contexto, essas anedotas, em um primeiro momento, podem atrair os alunos, mas que transmitem implicitamente uma visão completamente equivocada sobre como se dá o desenvolvimento da ciência.

Esses são os gêneros mais comuns de história das ciências que têm predominado no ensino de Ciências, seja nos livros didáticos, seja na História das Ciências ensinada nos cursos de formação de professores. Mas, há outras maneiras de fazê-lo ao buscar reconhecer o valor de cada ideia ou conceito produzido, mesmo os que não são atualmente aceitos, considerando o contexto em que esses conceitos (e os cientistas que os produziram) estavam inseridos. Elas valorizam erros e acertos e reconhecem as influências externas sofridas pelos cientistas, tais como de fatores religiosos, políticos, econômicos etc.

É esse tipo de história das ciências que pode ser um instrumento extremamente útil para a compreensão, por parte de alunos e professores, da natureza da ciência. A ciência é produto do contexto histórico e social em que está inserida. Ela é um empreendimento humano, e assim deve ser vista. Ao contrário disso, nossos alunos tendem a percebê-la como um empreendimento exclusivo de mentes geniais e pessoas- muito diferentes e distantes deles.

CIBELLE CELESTINO SILVA é professora do Instituto de Física da USP-São Carlos e especialista em História da Ciência. Revista CARTA NA ESCOLA, março de 2011.

O Senhor da guerra não gosta de crianças (MALU FONTES)

MAIS POR DOR DE COTOVELO, causada pelos elogios feitos pelo presidente dos Estados Unidos ao Brasil após oito anos de gestão de Lula, e menos por acreditar que palavras nesse tipo de visita a um país amiguinho devem mesmo ser mais assertivas do que foram, a oposição ao Governo Lula/Dilma bem que tentou desqualificar a passagem de Barack Obama pelo Brasil. Alguns veículos de imprensa de plumagem alinhada ao tucanato, ainda inconformados com a derrota nas urnas e agora assistindo o esfacelamento da oposição com a criação de um novo partido de apoio a Dilma, o PSD, chegaram a escrever em suas páginas que a vinda de Obama não passou de uma visita familiar de lazer no fim de semana com direito a filhas, mulher, sogra, comadre e que tais.

É verdade que a desqualificação da visita e das falas de Obama em seus discursos oficiais no Brasil foi um fenômeno muito mais explorado nos grandes veículos de imprensa escrita. A televisão brasileira e seu telejornalismo, sobretudo a TV aberta, não é boba nem nada nem tem tempo a perder quando há diante das lentes um espetáculo e tanto, ou seja, a visita do presidente da nação mais rica e poderosa do mundo e todos os salamaleques que o rodeiam, ainda por cima tratando-se de Barack Obama, cujo carisma e potencial midiático vão além do poderio dos Estados Unidos. A TV tratou-o como um rei entre súditos e deu-lhe todo o espaço possível e mais algum.

PANDEIRO - Quanto à imprensa do mundo e sua respectiva televisão, não se pode dizer o mesmo. O fato de Obama ter passado um fim de semana no Brasil com family e sogra, o fato de Michelle ter trocado de roupa trocentas vezes, para delírio das editoras de moda, pouco importou aos olhos dos veículos de imprensa mais importantes do mundo. A passagem de Obama pelo Brasil entrou mesmo para a história das relações políticas internacionais porque foi daqui, entre a apresentação de um grupo de capoeira ali, um pandeiro tocado para Michelle e filhas acolá e uma embaixadinha de mentira com os meninos da Cidade de Deus que Obama, um Prêmio Nobel da Paz, um homem culto que adora crianças, autorizou seu país a mergulhar na terceira guerra da qual participa simultaneamente, desta vez contra a Líbia.

Por linhas tortas, todos os cenários do mundo e das sociedades escancaram aos otimistas e aos puros que nunca fez sentido acreditar no maniqueísmo de um mundo moral bipolar dividido entre os muito bons e os muito maus. Veja-se que o presidente mais boa praça e mais família dos Estados Unidos até aqui, e diga-se, de novo, pela importância do título, um Nobel da Paz, o carismático e bem formado primeiro afro-descendente a ocupar o cargo mais poderoso do mundo, o mesmo que fez as criancinhas brasileiras chorarem de emoção só por terem sido tocadas por ele no Palácio do Planalto, é o mesmo que, num telefonema protocolar autoriza porta-aviões entupidos de mísseis a cuspir fogo contra as tropas aliadas do caricato Muamar Kadaffi. Contra elas e somente contra elas, as tropas de Kadaffi, e sempre em nome da

proteção do povo líbio. De novo, um presidente dos Estados Unidos incorporando a figura do chefe da polícia do mundo.

BUNGA-BUNGA - Só mesmo quem acredita no maniqueísmo de um mundo dividido entre bons e maus consegue crer na precisão cirúrgica de máquinas de guerra que disparam a dezenas de quilômetros de distância de seus alvos e juram por Deus, Alah e os anjos que nenhum alvo civil, nenhuma criança ou mulher serão atingidos, só inimigos maus. Ah, tá. Do Brasil, Obama autorizou o ataque à Líbia, com 110 mísseis lançados de navios e submarinos situados nas águas do mar mediterrâneo. Sílvio Berlusconi, o presidente da Itália, se tivesse juízo, já teria fugido de suas festas bunga-bunga e estaria escondido embaixo de uma cama blindada, pois, dos países aliados contra Kadaffi, a Itália é o que corre mais riscos reais, por estar pertinho da Líbia. Além disso, grande parte das armas que o ditador líbio acumulou nesses anos todos foi vendida pela própria Itália.

ESGOTO - Na TV local, a nota dissonante perante o discurso ecológico e politicamente correto da proteção ao meio ambiente que vigora em tudo, e com uma capacidade e tanto para estragar até mesmo os irretocáveis filmes publicitários da Bahiatursa, foi uma matéria veiculada pela TV Bahia (Globo), feita pela jornalista Georgina Maynard, com cenas capazes de assombrar até mesmo os mais brutos.

No Dia Internacional da Água, Salvador deu de presente aos telespectadores uma imagem medonha: uma cachoeira de esgoto, literal e caudalosa, gerada por toda a sorte de abandono dos poderes públicos em relação ao Parque São Bartolomeu e à Bacia do Cobre, situada entre diversos bairros da periferia da cidade. Como se não bastasse a ocupação irregular dos arredores da Bacia e a poluição de todo o seu manancial, uma obra pública de saneamento no bairro de Ilha Amarela canaliza o esgotamento sanitário do local para escorrer justo para a... Bacia do Cobre. A obra conduziu o esgoto para o curso natural da água e encorpou a cachoeira de esgoto fétido. De presente de aniversário, Salvador agradecerá a iniciativa de algum poderoso de plantão que devolvesse vida e limpeza às águas do manancial do Cobre e do Parque.

MALU FONTES é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado originalmente em 27 de março de 2011, no jornal A Tarde, Salvador/BA. maluzes@gmail.com

A reforma educacional de Xangai (FERNANDO VELOSO)

NO FINAL DO ANO PASSADO foram divulgados os resultados da última edição do Pisa (2009), que avaliou o desempenho de estudantes de 15 anos de idade em exames de proficiência em leitura, matemática e ciências. Alunos de 65 países participaram da avaliação. Xangai, a maior cidade chinesa, foi a primeira colocada em todas as disciplinas.

Um estudo recente da OCDE, "Strong Performers and Successful Reformers in Education", analisou a reforma educacional de Xangai. Em 1978, a China iniciou um processo de abertura e liberalização econômica, e Xangai teve um papel de liderança nas reformas, incluindo a do sistema educacional. O objetivo dessa reforma foi elevar o aprendizado em sala de aula.

O processo foi iniciado em meados da década de 80 com uma mudança curricular. O currículo atual tem três componentes: o básico, implantado por meio das disciplinas obrigatórias; um segmento de disciplinas eletivas; e um conjunto de atividades extracurriculares. Essa reforma do currículo foi complementada por mudanças na formação inicial e continuada dos professores e pela renovação do material pedagógico. Os exames de proficiência dos estudantes também foram redesenhados.

Outro elemento importante da reforma de Xangai foi a criação de um sistema de avaliação das escolas. O governo avalia as escolas em termos de sua infraestrutura física e da qualidade da educação oferecida. As informações sobre o desempenho das escolas são divulgadas de forma ampla, e a cobrança dos pais exerce uma forte pressão pela qualidade da educação.

Várias estratégias foram desenvolvidas para melhorar o desempenho das piores escolas. Sob o ponto de vista financeiro, recursos públicos são transferidos para as escolas mais carentes, de forma a assegurar um nível mínimo de gasto por aluno.

Professores e diretores de escolas urbanas de boa qualidade são transferidos para escolas rurais, que muitas vezes têm dificuldade de atrair professores.

Estratégia mais recente estabelece um contrato de gestão, por meio do qual uma escola de boa qualidade assume, durante um determinado período, a gestão de uma outra que tenha desempenho fraco.

Em essência, a reforma educacional de Xangai combinou elementos de responsabilização de professores e escolas com recursos para que as metas de qualidade do ensino sejam atingidas. Alguns aspectos da experiência de Xangai são específicos, como a valorização da educação na cultura chinesa, mas suas lições gerais são bastante relevantes para o Brasil e outros países que buscam melhorar a qualidade do ensino.

O SUS e sua última chance (FRANCISCO BATISTA JÚNIOR)

NENHUMA DAS VERTENTES que reivindicam para si o diagnóstico das dificuldades que o SUS (Sistema Único de Saúde) enfrenta tem, na verdade, entrado no debate central.

Afinal, a questão é muito mais grave e envolve, além do financiamento e gestão, o modelo de atenção, a relação público-privado, a força de trabalho, o controle social e a impunidade, que é a regra.

Contra-hegemônico, a principal e mais poderosa ameaça à histórica e predadora ação patrimonialista do Estado brasileiro, tudo vem sendo feito para evitar sua plena consolidação. Pensado como política de Estado que deveria ser imune aos governos, o SUS tem sido desconstruído por políticas absolutamente dessintonizadas de seus princípios e arcabouço jurídico.

Desde a contratação de serviços, dos mais simples aos mais especializados, em substituição ao público, passando pela intermediação de mão de obra por meio de empresas e cooperativas, até a entrega da própria gestão dos serviços públicos a grupos privados, tudo no sistema foi transformado num grande e privilegiado balcão de negócios, as "parcerias", para atendimento dos mais variados interesses.

Essa é a raiz dos escândalos que assolam o país, sob silêncio assustador dos que deveriam zelar pelo cumprimento das regras do jogo, como o Ministério da Saúde e o Poder Judiciário.

Se quisermos resgatar a proposta mais incluyente e democrática, o Ministério da Saúde deve ter uma orientação única, sintonizada com a estrita obediência aos princípios do SUS, não cabendo sob qualquer hipótese acordos ou conchavos que visem a acomodação de diferentes grupos e/ou interesses políticos.

Com a frágil estrutura que caracteriza a maioria dos nossos municípios, é urgente uma participação maior dos entes estaduais e federal, por meio de um financiamento adequado e pactuado de acordo com as suas reais necessidades, e uma cooperação técnica que permita a superação dos limites que decorrem da insuficiente capacitação de um número razoável de gestores, com ênfase absoluta na atenção básica.

É preciso que haja profissionalização e democratização da gestão, bem como a autonomia administrativa e orçamentária dos serviços, com a finalidade de combater a ingerência político-partidária, exercida por meio das OS (Organizações Sociais), Oscips (Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público) e fundações. Outra medida é a criação do serviço civil em saúde e da carreira única do SUS para todos os profissionais, valorizando a qualificação, a interiorização, o tempo de serviço e a dedicação exclusiva. Tais ações serão fundamentais na estruturação da rede pública, superando a absoluta dependência dos onerosos serviços contratados, ampliando em consequência a oferta e o acesso aos serviços.

Por fim, o respeito às decisões, a soberania e a autonomia dos Conselhos de Saúde e o combate sem tréguas à impunidade promoverão o definitivo salto de qualidade necessário à afirmação plena do sistema. Para nós, o SUS pode ter sua última chance, a depender da decisão política adotada.

FRANCISCO BATISTA JÚNIOR, 56, farmacêutico, é integrante do Conselho Nacional de Saúde, que presidiu de novembro de 2006 a fevereiro de 2011. **Folha de São Paulo, março de 2011.**

As marcas da diplomacia (NIZAN GUANAES)

SOMOS UM país de criativos. Da tristeza criamos samba, do descontrole econômico, nosso vigor econômico, da ditadura militar, uma democracia pacífica. Do ciclo atual de desenvolvimento estamos criando o quê? Um novo país, com certeza. O desenvolvimento econômico dos últimos anos transforma da demografia à diplomacia. E transforma também a propaganda. O ciclo da produção publicitária é muito mais rápido do que o de outras formas de expressão formadoras de opinião. Ela muitas vezes traduz e expressa primeiro as transformações do país. As imagens e o espírito do novo Brasil já povoam os novos reclames com os novos consumidores.

O mercado brasileiro, finalmente, ganhou dinamismo incluyente. Investimentos maciços estão sendo feitos para atender e entreter os novos entrantes no mercado consumidor. E o IBGE diz todo mês que os salários não param de subir. Essa transformação é também geográfica. A riqueza chega a algumas regiões do país nunca antes desenvolvidas. E leva junto a propaganda. Por exemplo, na expansão da frota de carros nacional, setor de publicidade intensiva. Cidades do Norte e do Nordeste e de regiões agrícolas interiores lideram o sólido crescimento das vendas. De 2007 a 2010, elas cresceram 42% na média nacional. Mas explodiram mesmo em lugares como Uberaba (93%), Uberlândia (87%), Teresina (74%). O investimento em publicidade nestes mercados acompanha. Mas não para por aí.

A essa nova fronteira interna, tão grande quanto promissora, junta-se o mercado global, que se abre à nossa propaganda na medida em que nossas empresas e marcas respiram lá fora.

Que responsabilidade formar nossas marcas no exterior. Marcas globais são embaixadoras por natureza, muitas vezes mais próximas dos habitantes de um país estrangeiro do que qualquer estratégia de política externa. Assim como a imagem dos americanos, dos japoneses, dos alemães e dos suíços no estrangeiro está muito associada à imagem de suas marcas, o mesmo acontecerá com o Brasil.

Como num roteiro bem escrito, esse duplo chamamento à propaganda brasileira, interno e externo, acontece num momento em que a indústria está forte, preparada e prosperando. E sendo disputada a peso de ouro pelos grandes grupos internacionais. Nossa geração conseguiu tirar a propaganda de dentro do mundo da propaganda. Com o esforço de gente de visão clara como Luiz Lara, Marcelo Serpa, Washington Olivetto e Júlio Ribeiro, ela ganhou gravidade e passou a frequentar as páginas dos cadernos de economia da grande imprensa.

A propaganda brasileira primeiro se consolidou como construtora de marcas. Depois, veio o reconhecimento internacional com os prêmios nos festivais. Agora, o desafio é tornar a propaganda brasileira global. Ela tem de ser competitiva não só dentro do Brasil, mas de Nova York a Xangai. Então é muito bom, mas não é nada fácil. E quem não andar, não vai chegar. É crescer para dentro do Brasil, e expansão digital pelo mundo, porque a expansão global é digital. Ponto.

E é preciso também network. O mundo hoje é relacionamento. Fico triste ao ver tão poucos empresários e empresas brasileiras em fóruns globais como o de Davos. Não podemos mais perder essas oportunidades porque, se não abraçarmos o mundo, o mundo vai nos abraçar. Daqui a três anos, teremos a atenção do planeta todo por um mês, na Copa do Mundo de 2014. Dois anos depois, será a vez da Olimpíada do Rio de Janeiro. Jogaremos em casa nas duas maiores partidas de "branding" global. Não podemos perder. Nem empatar. Além das obras de infraestrutura para as duas competições, precisamos construir as marcas do Brasil e suas empresas. Os atributos da nação, conciliadora, alegre e trabalhadora, são o mapa do caminho.

NIZAN GUANAES, publicitário e presidente do Grupo ABC, escreve às terças, a cada 15 dias, nesta coluna.

Sairemos do atraso? (FERNANDO VIVES)



O novo plano decenal de educação, enviado ao Congresso, é mais conciso e ambicioso

Como levar a educação a todas as camadas sociais e ao mesmo tempo aumentar a qualidade do ensino? Trocar alguns pneus com o carro em movimento é o desafio do novo Plano Nacional de Educação (PNE) para o período de 2011-2020, enviado ao Congresso, em dezembro de 2010, e cujos principais focos são a evolução da educação infantil, o aumento gradual do investimento no setor e a qualificação e valorização da carreira de professor. Criado nos anos 90, o Plano Nacional de Educação é um conjunto de metas para o sistema educacional que define prioridades e estratégias no período de dez anos. O primeiro PNE foi elaborado para o decênio 2001-2010, mas veio a público

em 2001. O calhamaço de metas só seria minimamente executável se o governo seguisse a determinação de destinar 7% do Produto Interno Bruto (PIB) à educação. O então presidente Fernando Henrique Cardoso, por causa das dificuldades econômicas vividas em seu segundo mandato, vetou-o.

O PNE 2011-2020 representa uma evolução perante o anterior. Primeiro, tem apenas 20 metas, contra as 295 que tornaram o antecessor confuso. "Isso facilita o entendimento e as responsabilidades de cada um dentro do processo", avalia Mozart Neves Ramos, integrante da Conae e presidente da organização civil Todos Pela Educação. "Fica mais fácil a mobilização da sociedade e do governo quanto à fiscalização."

Até 2020, indica o documento, o País compromete-se a manter 50% das crianças de 0 a 3 anos de idade em creches. Outras metas relevantes: melhorar a média do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), termômetro criado para avaliar os primeiros anos educacionais no Brasil, de 4,6, de 2009, para 6, em um total de 10. Aumentar os investimentos na área até 7% do PIB. "A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tinha esta meta fixada em 5% do PIB, o que foi alcançado nos últimos anos", diz o ministro Fernando Haddad.

Ao menos seis metas do atual PNE são voltadas para a melhoria na carreira e no salário do profissional da educação, entre as quais se destacam: elevar o número de mestres e doutores nas instituições de ensino superior para um mínimo de 75%, formar 50% de professores da educação básica com pós-graduação e assegurar planos de carreira para profissionais de magistério. Quando estiver validado pelo Congresso, o plano exigirá que todos os sistemas tenham dois anos para organizar planos de carreira com

salários compatíveis com o nível de escolaridade correspondente.

O PNE 2011-2020 é, no geral, bem avaliado pelos críticos. Vladimir Safatle, filósofo e professor da Faculdade de Educação da USP, entende que o ponto principal está no foco da melhora da carreira de docente. "Baixo salário e condições ruins tornaram a profissão no ensino público pouco atraente. É associada ao fracasso. Se a carreira não for estruturada e atraente, você nunca terá bons profissionais." "O plano é um avanço em relação ao que tivemos até agora, mas há alguns pontos que poderiam ser melhorados", diz Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional Todos Pela Educação, organização que teve participação na criação do Fundeb. Ainda acredita ser necessária uma avaliação de meio-termo no decênio. "O plano anterior contemplava metas para cinco ou seis anos, o que seria uma resposta preventiva à sociedade sobre as metas definitivas para 2020." Também acredita que a gestão da verba nas escolas precise ficar mais próxima da mesma. "O gestor da educação deve ser gestor também do recurso da educação. Normalmente é sempre um indicado político de uma instância superior que muitas vezes não tem noção de como usá-lo."

Ramos aponta uma falha do PNE 2001-2010 que inspira cuidados para o próximo. "A primeira etapa do ensino fundamental melhorou bastante nos últimos anos, mas o mesmo não pode ser dito nas etapas seguintes e também no ensino médio. Haddad concorda. "A presidenta Dilma pediu atenção ao ensino médio. A evolução não foi boa nos índices de avaliação."

"Senti falta de uma política mais ousada na questão das escolas integrais", diz Safatle. "Não há muita saída sem elas. Até hoje, a experiência educacional mais bem-sucedida no Brasil foi nos anos 80, com os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), criados pelo sociólogo Darcy Ribeiro no Rio de Janeiro." Haddad concorda com a necessidade e cita outro programa do MEC. "Temos o Mais Educação, justamente focado nisso. Em 2010, completamos 10 mil escolas incluídas, que foram selecionadas para ter período integral, por causa das baixas notas no Ideb", diz o ministro.

O ponto fundamental para o sucesso do novo PNE é fazer com que União, estados e municípios atuem em conjunto e sem falhas na gestão das metas, problema tão crônico quanto antigo no Brasil – é comum diretrizes do MEC serem ignoradas. Para evitar a situação, Haddad e Lula enviaram, também em dezembro e paralelamente ao PNE, o Projeto de Lei de Responsabilidade Educacional, que deve tramitar em plenário. Ele é feito sob o mesmo molde da Lei de Responsabilidade Fiscal: pune o governante que não o cumprir.

Para o sociólogo Cesar Callegari, da Câmara de Educação Básica do Conae, a amarração feita por esse plano é fundamental para que o PNE vingue. "Sem a atribuição clara do papel de cada um, é comum uma instância deixar para a outra, e assim ninguém resolve os problemas. O governador ou prefeito que não cumprir deve ficar à mercê do Tribunal de Contas e do Ministério Público. É a única maneira de se evitar furos no plano." Caso o Congresso Nacional vete a Lei de Responsabilidade Fiscal, o Plano Nacional de Educação sofrerá danos consideráveis. Haddad acha improvável, porém, a lei não passar. "Havia projetos de lei na casa sobre isso. Estamos dando um impulso a um debate que não prosperou", diz.

As expectativas mais otimistas de prazo para a aprovação do PNE em plenário sugerem que as metas possam ser validadas somente no início do segundo semestre. A troca de governo e a reformulação na Câmara e Senado devem atrasar a discussão. "Os deputados voltam a trabalhar em fevereiro, quando os líderes partidários começam a compor as comissões, entre as quais, a de Educação e Cultura (CEC), que vai discutir o PNE, que é prioridade. A votação pode ocorrer no segundo semestre", avalia o deputado Angelo Vanhoni (PT-PR), ex-presidente da CEC. Vanhoni também minimiza o fato de o projeto valer já para este ano, embora não esteja aprovado. "As metas são todas a longo prazo e foram criadas pelo governo Lula, em perfeita sintonia com o governo Dilma. Não vejo como essa demora possa impactar no alcance das metas."

Revista CARTA NA ESCOLA, março de 2011.

Sobre como da morte brota a vida (RUBEM ALVES)

"E O CADÁVER que você plantou no seu jardim, já começou a brotar? Pode ser que cada sepultura seja um jardim!" Sou antropófago. Devoro livros. Quem me ensinou foi Murilo Mendes: livros são feitos com a carne e o sangue dos que os escreveram. Os hábitos de antropófago determinam a maneira como escolho livros. Só leio livros escritos com sangue. Depois que os devoro deixam de pertencer ao autor. São meus porque circulam na minha carne e no meu sangue.

É o caso do conto "O afogado mais bonito do mundo", de Gabriel Garcia Marques. Ele escreveu. Eu li e devorei. Agora é meu. Eu o reconto. É sobre uma vila de pescadores perdida em um nenhum lugar, o enfado misturado com o ar, cada novo dia já nascendo velho, as mesmas palavras ocas, os mesmos gestos vazios, os mesmos corpos opacos, a excitação do amor sendo algo de que ninguém mais se lembrava...

Aconteceu que, num dia como todos os outros, um menino viu uma forma estranha flutuando longe no mar. E ele gritou. Todos correram. Num lugar como aquele até uma forma estranha é motivo de festa. E ali ficaram na praia, olhando, esperando. Até que o mar, sem pressa, trouxe a coisa e a colocou na areia,

para o desapontamento de todos: era um homem morto.

Todos os homens mortos são parecidos porque há apenas uma coisa a se fazer com eles: enterrar. E naquela vila o costume era que as mulheres preparassem os mortos para o sepultamento. Assim, carregaram o cadáver para uma casa, as mulheres dentro, os homens fora. E o silêncio era grande enquanto o limpavam das algas e líquens, mortalha verde do mar. Mas, repentinamente, uma voz quebrou o silêncio. Uma mulher balbuciou: "Se ele tivesse vivido entre nós, ele teria de ter curvado a cabeça sempre ao entrar em nossas casas. Ele é muito alto...".

Todas as mulheres, sérias e silenciosas, fizeram sim com a cabeça.

De novo o silêncio profundo, até que outra voz foi ouvida. Outra mulher... "Fico pensando em como teria sido a sua voz... Como o sussurro da brisa? Como o trovão das ondas? Será que ele conhecia aquela palavra secreta que, quando pronunciada, faz com que uma mulher apanhe uma flor e a coloque no cabelo?"

E elas sorriram e olharam umas para as outras.

De novo o silêncio. E, de novo, a voz de outra mulher... "Essas mãos... Como são grandes! Que será que fizeram? Brincaram com crianças? Navegaram mares? Travaram batalhas? Construíram casas? Essas mãos: será que elas sabiam deslizar sobre o rosto de uma mulher, será que elas sabiam abraçar e acariciar o seu corpo?"

Aí todas elas riram que riram, suas faces vermelhas, e se surpreenderam ao perceber que o enterro estava se transformando numa ressurreição: um movimento nas suas carnes, sonhos esquecidos, que pensavam mortos, retornavam, cinzas virando fogo, desejos proibidos aparecendo na superfície de sua pele, os corpos vivos de novo e os rostos opacos brilhando com a luz da alegria.

Os maridos, de fora, observavam o que estava acontecendo e ficaram com ciúmes do afogado, ao perceberem que um morto tinha um poder que eles mesmos não tinham mais. E pensaram nos sonhos que nunca haviam tido, nos poemas que nunca haviam escrito, nos mares que nunca tinham navegado, nas mulheres que nunca haviam desejado.

A estória termina dizendo que finalmente enterraram o morto. Mas a aldeia nunca mais foi a mesma... Depois dos terremotos e tsunamis nosso mundo nunca mais será o mesmo...

Folha de São Paulo, março de 2011.

Imediatismos (FRANCISCO DAUDT)

O HOMER SIMPSON entrou no mercadinho do Apu e deu um jeito de ver, contra a luz, um bilhete de raspadinha de US\$ 500. Chegou ao caixa com o bilhete e viu uma barra de chocolate. Tanto o bilhete quanto a barra custavam o que ele tinha no bolso: US\$ 2,50. Teve uma crise de dúvida. Mas comprou o chocolate e o devorou na hora.

O que isso tem a ver conosco? É que nossa espécie é a única capaz de pensar a longo prazo, de antever (ai de nós, inclusive a própria morte). Por isso estamos sempre em discussão interna entre o que Freud chamou de princípio de prazer e o princípio de realidade. O primeiro é mais primitivo. É o que diz "dane-se" a camisinha, porque o momento é de loucura. O segundo é mais complexo, capaz de pensar em consequências, o que leva à camisinha. O primeiro somos nós manipulados por nossos genes. O segundo somos nós usando essa esquisitice que a natureza nos doou: a consciência.

Você já pensou que pode ser um velho pobre? Há destino mais cruel do que esse, na melhor das hipóteses jogado num asilo por parentes, para esperar a morte? É uma desgraça, estamos vivendo mais.

Você tem 60? Pode bem ter mais 30 anos pela frente! Digo isso porque vejo estar na moda o tal de "viver o presente". Paro e penso: quem vive o presente? Só quem sofre de Alzheimer, pois não tem mais capacidade de acessar seu passado nem de projetar seu futuro. O brócolis vive o presente, e ainda bem que não sou um.

Quando como bolo de milho com leite de coco, junto com o sabor estão memórias de brasilidade, de orgulho de nossa cultura, de Dona Benta e tia Nastácia, personagens do meu passado que dão mais água na boca, alimentam meu espírito. Sou melhor depois dessa experiência, porque vejo beleza nela e tenho capacidade de escolher os rumos de minha vida.

Como? Rumos de minha vida a partir de um bolo? É porque ele é um ícone dos meus desejos, minha estética, minha ética. Sabe esses ícones do computador, você clica e abre-se um enorme arquivo? Pois o arquivo que se abre contém algo diferente do imediatismo. Contém a vontade de repassar essa beleza ética-estética a meus filhos, o valor das coisas bem-feitas, da cultura, do que pode ser construído, do desfrutar dessa qualidade da natureza humana que é antever, projetar, construir um futuro melhor, mais justo e generoso conosco e com os outros.

E como faz bem a nós mesmos ser gentil, generoso, cuidar dos outros enquanto cuidamos de nós mesmos. Produz dignidade! Lembra-se desse valor? Dignidade e integridade só podem ser alcançadas se

preferirmos nossa capacidade de antevisão ao pensamento imediatista.
Sorry, Homer.

FRANCISCO DAUDT, psicanalista e médico, é autor de "Onde Foi Que Eu Acertei?", entre outros livros fdaudt2@gmail.com.br
Folha de São Paulo, março de 2011.

Questão de foco (ROSELY SAYÃO)

HOJE, A sociedade se orgulha de algumas características que os mais novos demonstram ter. Uma delas é a capacidade, dizem, que eles têm de fazer várias coisas ao mesmo tempo. O modo como nos referimos a isso já dá sinais de que consideramos essa capacidade de manter atividades múltiplas e simultâneas como uma habilidade desejável e produtiva.

Para falar a verdade, há, inclusive, uma ponta de inveja de nossa parte, quando nos referimos a essa característica que muitos dos mais jovens apresentam e que já tratamos como talento.

Temos certeza de que ser capaz de realizar várias coisas ao mesmo tempo é uma boa e desejável competência para a pessoa - e para o mundo, portanto.

Será mesmo? Vamos avaliar essa nossa posição. Um professor do ensino médio me disse, recentemente, que ele não conseguia motivar seus alunos a prestarem atenção em sua aula porque eles não tinham nada mais com o que se ocupar naquele momento.

Na visão desse professor, a solução seria deixar os alunos ficarem com seus celulares à mão, para dessa maneira criar um clima de disciplina em sala de aula.

Os pais de um adolescente que está se preparando para prestar vestibular neste ano, por sua vez, reclamaram que o filho não conseguirá classificação para entrar na faculdade que quer -muito disputada- porque ele não consegue focalizar a sua atenção nos estudos.

Esse jovem se tranca no escritório para estudar com computador ligado, celular, televisão e música nos ouvidos e, três horas depois, diz aos pais que não consegue se concentrar para estudar. E os pais acham que, se o menino não tiver todos esses apetrechos, não conseguirá nem sequer ficar no escritório.

Não parece que, em ambos os casos, o que os adultos querem é apenas que o jovem se ocupe e, dessa maneira, deixe os adultos em paz? Imagine uma sala de aula mais silenciosa pelo fato de os alunos ficarem envolvidos com a tralha tecnológica em que se transformou um celular. Se eles conseguem prestar atenção à aula já é outra história... Mas que o professor terá menos trabalho, disso ninguém duvida.

Do mesmo modo, imagine um filho adolescente perambulando pela casa reclamando do fato de ter de estudar para o exame vestibular. Melhor ele ficar trancado por três horas mesmo que isso não resulte em estudo, certo?

Por outro lado, caro leitor, procure observar um jovem se dedicando a fazer algo de que realmente gosta. Ele focaliza toda a sua atenção naquilo e até reclama se alguma coisa ou alguém surge para distraí-lo de sua empreitada. E essa também é uma boa oportunidade para testemunhar o quanto de esforço o jovem é capaz de realizar para conseguir o que quer, por maior que seja o custo que ele tenha de arcar com isso.

Isso pode significar que os jovens aprendem, desde muito cedo, a deixar a sua atenção flutuar entre várias coisas, mas também que conseguem baixar a âncora quando querem. Só quando querem, e não também quando precisam.

Se assim entendermos, nossa prática educativa certamente mudará desde a infância, porque entendemos que o mundo exige as duas coisas: capacidade de atenção concentrada e também a de realizar bem várias tarefas simultaneamente. Se os jovens têm potencial para desenvolver as duas habilidades, devemos, então, contribuir com isso.

Para completar, fica faltando apenas a nossa colaboração com os jovens no sentido de apontar para eles que a realidade exige mais do que exercer nosso potencial em função do querer; é preciso também considerar o dever e a necessidade.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha) - Folha de São Paulo, março de 2011.